

VÁRIA

História de disco voador

A sensação de iminente perigo que se apodera dos muito felizes tem, sem dúvida alguma, uma razão de ordem psicológica. Não é estranha à natureza humana, marchar lado a lado com o tédio dos muito poderosos e muito saciados. O poeta Manuel Bandeira, em seu "Nitzcheana" nos deu uma idéia clara desse sentimento: "Ai, meu pai, que me esmaga a sensação do nada. / E ela reluzia com tóadas as cintilações do êxito intacto".

Pois aí vemos São Paulo, em pleno êxito, região tão altamente desenvolvida que poderia situar-se — se fosse um país — entre os mais prósperos do mundo, vemos São Paulo fazer-se alvo desse sentimento de catástrofe, que deforma a realidade numa assustadora miragem, transfigurando o progresso em colapso econômico. Note-se bem: o observador não mente, não percebe sequer o engano. Traído pela ilusão das imagens que o seu espírito inventa, descobre indícios de crise nas calças curtas do robusto meninão em fase de crescimento, vê por toda parte obstáculos ao desenvolvimento, como o paranóico vê inimigos nas faces amigas que o cercam e procuram ajudá-lo.

Trata-se simplesmente da vocação do abismo. Pascal a conhecia bem, mas sabia lutar contra a assombração. Nem todos têm, porém, a força lógica de Pascal e é justo que os desculpemos, reconhecendo a sua boa intenção em advertir os passantes do perigo inexistente. Devemos agradecer-lhes com a condescendência reservada aos supersticiosos que não nos deixam passar debaixo das escadas: afinal a ameaça poderia ser real, lata de tinta pingando ou martelo que escapasse das mãos do operário. Mau governante aquél que diz — não me dê conselhos, sei errar sózinho. Antes deveria dizer: aconselhai, aconselhai, sempre aproveitarei alguma coisa.

Pois é o que está acontecendo no caso da fantasiosa crise de São Paulo. A atoarda serviu para que o governador do Estado viesse a público fazer um balanço da situação e reconhecer que tudo vai bem, embora não vá no melhor dos mundos. O melhor dos mundos, ponderou o sr. Abreu Sodré, seria aquél em que os serviços públicos estivessem acompanhando pari passu o extraordinário desenvolvimento da economia paulista. Se há alguma deficiência é porque estamos crescendo rapidamente demais e nossa preocupação é que a roupa nova não fique pronta a tempo para irmos à grande festa do ano 2000, onde queremos apresentar-nos com uma fatiota bem talhada, muito diferente daquele traje de caipira que o senhor Kahn nos afigura em sua futurologia.

Desfaz-se assim a nuvem que alguns tomaram por Juno, esquecidos de que a primeira condição para obter um bom empréstimo num banco é, especialmente, em um estabelecimento que exige as garantias do Banco Mundial é ter crédito; e este tem sua origem na

boa situação econômico-financeira do sacador. A velha tirada que define o banco como a casa que empresta dinheiro desde que você prove que não precisa não é de todo sem razão. Por isso mesmo, onde se vê motivo de alarme temos, antes, sobejos motivos de tranquilidade. Se o senhor Abreu Sodré tem a coragem de pleitear do BIRD investimentos maciços no setor dos serviços públicos de São Paulo e se o senhor McNamara considera a pretensão digna de atenção e cuidadoso estudo é porque ambos têm confiança na economia do Estado. O governador não seria jamais tão inconsequente, do ponto de vista político ou administrativo, que pretendesse endividar as finanças estaduais para a realização de uma obra cujos resultados dificilmente aproveitariam à sua gestão. E o presidente do Banco tem mais que fazer do que perder tempo com propostas mirabolantes.

A verdade é que São Paulo, cada dia mais reluz com as cintilações de um progresso invejável. Há até quem o acuse de colonialismo, em relação aos seus irmãos do Norte, para não nos referirmos à queixa, bem menos veemente, dos gaúchos apreensivos ante a descapitalização trazida pela disparidade entre os preços dos produtos agrícolas e industriais. Sem dúvida alguma, numa economia em expansão, como é a do Brasil, sempre há pequenos motivos de inquietação. As restrições de crédito com que lutam os pequenos empresários, as dificuldades da rede bancária que estão sendo objeto de um debate franco com as autoridades monetárias, a inflação ainda não de todo contida, as deficiências na comercialização não deixam de causar fundadas preocupações. Mas daí a prenunciarmos o colapso total, a bancarrota estadual, o "crack" dos negócios, vai uma grande distância. Bem ao contrário: quando examinamos a economia do País como um todo, o panorama é dos mais animadores. E as cidades mais brilhantes situam-se precisamente no planalto paulista.

O senhor Abreu Sodré foi particularmente feliz ao esclarecer: "Nenhum Estado pode estar sob ameaça de colapso econômico e duplicar os investimentos, conceder isenções tais e registrar pela primeira vez em muitos e muitos anos, um superávit orçamentário como São Paulo. A economia não vai apenas bem, vai ótimamente. Nossa situação financeira não está apenas boa. Está excelente.

E os brasileiros acreditam no que diz o governador, porque estão vendo que as palavras correspondem à realidade. Basta ver a indiferença com que o mercado do Rio e de São Paulo acolheu a alarma da manchete. Leu, como que lê notícia de disco voador. Com aquél bom sorriso que ameniza as canseiras de quem não pode perder muito tempo em ficção porque há muito que fazer: São Paulo não pode parar, nem o Brasil.